

ATAS DO SIMPÓSIO
SÔBRE A
BIOTA AMAZÔNICA

VOL. 2: ANTROPOLOGIA



Belém, Pará, Brasil, Junho 6-11, 1966

EDITOR: HERMAN LENT

Publicado pelo
CONSELHO NACIONAL DE PESQUISAS
RIO DE JANEIRO, GB
1967

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú
<http://www.etnolinguistica.org/biota>

OS MAKUXÍ E OS WAPITXÂNA: ÍNDIOS INTEGRADOS OU ALIENADOS?

EDSON SOARES DINIZ

Museu Paraense "Emílio Goeldi", Belém, Pará

(Com uma figura no texto)

A conjunção intersocietária que têm de um lado os índios Makuxi e Wapitxâna, habitantes da zona campestre do Território Federal de Roraima e, de outro o segmento da sociedade brasileira dêsse extremo setentrião de nosso país, originou a pergunta que encabeça esta breve comunicação ⁽¹⁾.

Os Makuxi (Karib) e os Wapitxâna (Aruak) são, no momento, aqueles que recebem de modo mais incisivo, os abalos do contato interétnico que atingiu os grupos indígenas da área rio-branquense ⁽²⁾. Esse contato iniciado, direta ou in-

diretamente, no século XVII, tomou forma mais permanente a partir da segunda metade do século seguinte. Porém, não ocorreu e nem ocorre com a mesma intensidade para ambas as tribos referidas, sendo mais expressivo, desde o comêço, para os Wapitxâna. Nos dias de hoje, também, o processo de interação varia de grau, em consequência da maior ou da menor vizinhança com os regionais.

A seguir serão apresentados, de modo sucinto, aspectos da ambiência; a situação de contato; e, finalmente, os fatores que concorrem para a alienação e os modos como esta se manifesta.

A AMBIÊNCIA

Nesta parte será delineado um esboço econômico-social do ambiente onde se desenrolam as relações interétnicas acima referidas.

⁽¹⁾ Duas estadas em campo foram efetuadas. A primeira no período de fevereiro-abril de 1964 e a segunda em setembro-outubro de 1965. Em trabalhos anteriores (DINIZ, 1964; 1965; 1966) foram apresentados resultados parciais da pesquisa.

⁽²⁾ COUDREAU (1887: 391-394) em fins do século XIX cita o completo desaparecimento ou drástica redução populacional de vários grupos tribais dessa área, referidos no final do século anterior, os quais haviam entrado em contato continuado com os brancos.

A Área Riobranquense está compreendida nos limites do atual Território Federal de Roraima, entre os paralelos 5°16'19" N e 1°27'00" S e os meridianos 58°58'30" E e 64°39'30" O. Sua extensão é de . . . 234.104 km². A principal artéria fluvial é o rio Branco, cujo regime hidrográfico se caracteriza por um período de cheia que se prolonga de março a setembro e de outro de seca que se estende de outubro a fevereiro. Três zonas distintas a compõem: o baixo rio Branco (floresta amazônica), e o alto rio Branco (campos e cerrados) e as montanhas, as quais constituem estreita faixa ao norte. A população atual orça em cerca de 40.000 indivíduos, achando-se a maioria na zona campestre, onde está localizada a capital do Território, Boa Vista, o único centro urbano aí existente. Sua economia baseia-se na pecuária, na pequena agricultura, no extrativismo vegetal e mineral. A principal dessas atividades é a pastoril, introduzida na segunda metade do século XVIII. Constituindo-se desde então a economia dominante, deu a área uma feição tipicamente rural.

Embora as primeiras penetrações remontem ao final do século XVII, essa área conservou-se isolada e com um reduzido contingente de população branca. Para se ter uma idéia dessa rarefação populacional, ainda em fins do século XIX aquê-

les que aí se englobavam sob a rubrica de civilizados totalizavam 1.000 indivíduos, constituídos de brancos, mestiços e "índios vestidos" (COUDREAU, 1887: 407). A falta de interesses econômicos, em primeiro plano, foi o fator desfavorável para a exploração e fixação. Interesses de caráter político-militar propiciaram a fundação do Forte de São Joaquim (1775), tentando-se desde logo iniciar a colonização. Mas, isso só foi conseguido com a introdução da atividade pastoril.

O crescimento dessa atividade, porém, sofreu de limitações tais como a falta de mercado, a dificuldade de transporte, o isolamento em relação aos demais centros do país, advindo daí o marasmo econômico em que esteve imersa a área até recentemente. A remessa de gado para Manaus, que sempre foi e continua sendo o principal centro consumidor, apenas era feita em determinada época do ano (cheia), sendo as rézes conduzidas vivas por via fluvial ⁽³⁾. Esses fatores tornavam a principal atividade econômica pouco rendosa e, até mesmo, fechada. Essa inércia eco-

⁽³⁾ O transporte de carne bovina por via aérea para Manaus, teve início em 1965, através de dois aviões particulares. Um deles recebe o carregamento na aldeia makuxí de Contão, onde é feito o abate das rézes. Seus habitantes executam a maior parte desse trabalho.

nômica vem tendendo a modificar-se, discretamente, após a instalação do Território Federal (1944).

A SITUAÇÃO DO CONTATO

Em uma situação de contato entre sociedades de níveis tecnológicos diferentes, onde uma é a dominante, as estruturas econômica e política da mais fraca, são as esferas mais afetadas. São elas as instâncias cruciais pelas quais a sociedade mais poderosa se capacita para o manejo de seus objetivos manifestos ou não. Sabe-se, também, que a introdução do sistema mercantil em uma economia de autoconsumo e de escambo intertribal, importa na modificação de comportamentos, refletindo-se não somente na economia mas, também, no sistema social em geral.

Tendo em vista esses princípios, já comprovados plenamente, procurar-se-á situá-los no campo a que se restringe este trabalho.

* * *

Os Makuxi e os Wapitxâna, não tendo condições materiais para fazer face à nova situação, gerada pelo contato continuado e cada vez mais estreito, vendem sua força de trabalho, a fim de suprir as deficiências comerciais de sua economia ainda quase de autoconsumo. Mas, além de constituírem mão-de-obra não qualificada, têm

contra si as flutuações de um mercado de trabalho de pouca desenvoltura. Valem-se, também, como outro meio de suprir o poder aquisitivo, da garimpagem diamantífera, feita por métodos rotineiros, sendo porisso pouco lucrativa. A isto se acrescentam os lógrôs de que são vítimas pelos compradores de suas diminutas pedras. À guisa de exemplo, cita-se o caso de um makuxi da Aldeia de Limão: esse homem e seus dois filhos haviam conseguido 42 xibius e então rumaram para "Vila Surumu", o povoado mais próximo, para fazer a venda, pela época dos festejos de março de 1964. Aí chegando, foram oferecer ao proprietário da olaria local todo o achado, pelo preço de Cr\$ 35.000, o qual ficou reduzido a Cr\$ 10.000. Para não voltarem de "mãos limpas", pai e filhos empregaram-se durante uma semana na olaria, com uma diária de... Cr\$ 500 cada um, fazendo serviços desde tirar lenha até "bater tijolo". Os marreteiros que visitam suas aldeias também se valem dessas ludibriações, quase sempre auxiliados pela cachaça.

As relações entre *civilizados* e *cabocos* ⁽⁴⁾, na Área Rio-branquense,

⁽⁴⁾ "Na área riobranquense, o índio integrado ou em vias de integração que, geralmente, além da língua tribal ou *giria* (como dizem os regionais) fala ou entende o português, seja aldeado ou destribalizado, é chamado "caboco", corruptela da palavra caboclo. Esta designação têm duplo sentido: um é aquele que ressalta a con-

medeiam entre relações coloniais e relações de classe ⁽⁵⁾, embora a estratificação baseada em índices sócio-econômicos ainda não tenha se transferido para os últimos, a não ser quando são vistos como integrantes da "classe baixa" ⁽⁶⁾. Ademais, a camada dominante da sociedade regional que enfeixa em suas mãos a estrutura do poder, não foi ainda abalada em seu aspecto monolítico.

A reação dos Makuxi e dos Wipitxâna, nos dias atuais, é de pacifismo, embora não de conformismo. Seja em relação à invasão e tomada de suas terras, à espoliação nas suas transações comerciais ou na venda de sua força de tra-

dição de "índio manso" ou "índio civilizado", outro é o que enfatiza sua categoria social, considerada inferior. Em contrapartida o brasileiro ou regional, como está sendo tratado neste trabalho, é identificado pelo indígena acima caracterizado como *branco* ou *civilizado* não importando sua condição econômico-social e nem sua mestiçagem, tendo conotação social equivalente" (DINIZ, 1966: 16).

⁽⁵⁾ "No puede dejar-se de insistir que el carácter clasista y el carácter colonial de las relaciones interétnicas son dos aspectos intimamente ligados de un mismo fenómeno... Pero el carácter colonial de las relaciones interétnicas imprime a las relaciones de clases características particulares y tienden a frenar su desarrollo" (STAVENHAGEN, 1963: 100).

⁽⁶⁾ "A experiência etno-sociológica indica que se nas etapas iniciais do contato interétnico a oposição "índio/branco" é a mais irredutível, nas etapas seguintes é a oposição "classe alta"/"classe baixa" que começa a ganhar consistência" (OLIVEIRA, 1964: 107).

balho. Suas resistências se exteriorizam quase sempre por meios não violentos, através de furtos, fugas, embriaguês, ociosidade ou, ainda, por explosões puramente emocionais. Essas reações favorecem as representações negativas feitas pelos regionais. Êstes longe de entenderem a alienação ⁽⁷⁾ que o contato impõe ao índio, evidenciam suas depreciações ⁽⁸⁾.

Assim, a estereotipia deturpa o verdadeiro sentido da oposição de valores entre essas sociedades ⁽⁹⁾

⁽⁷⁾ Entende-se aqui por alienação do índio, o processo que se caracteriza pela ambiguidade sócio-cultural, provocada neste caso, pelo contato interétnico continuado. Nesse embate intersocietário a sociedade indígena fica desfigurada, e, por outro lado, seus membros não conseguem vivência plena como participantes da sociedade envolvente, obstada pela oposição estrutural e histórica que as separa.

⁽⁸⁾ Para os regionais, além de elementos que lhes são úteis como mão-de-obra (serviços domésticos e braçais de toda a natureza), de fácil disponibilidade e a baixo custo, os *cabocos* são os produtores de bens tais como farinha de mandioca e outros produtos roceiros, galinhas, porcos, etc. Porém, como não conseguem realizar de modo satisfatório essas tarefas de acordo com a expectativa daqueles, regionais, são recriminados com avaliações negativas.

⁽⁹⁾ "As distinções e separações entre grupos, que se definem como racialmente diversos, são manifestações destinadas a exprimir mistificadamente relações de dominação-subordinação geradas originariamente com base no modo de apropriação dos produtos do trabalho social e dos próprios homens, quando portadores de mercadorias e cristalizados ao nível das relações sociais destinadas a legitimar certas formas de distribuição hierarquizada dos homens" (IANNI, 1962: 111).

manifestando-se pela “fricção interétnica” ⁽¹⁰⁾. Dêste modo, o *caboco* que é o “índio desfigurado”, já não plenamente ligado ao contexto tribal e nem tão pouco fazendo parte efetiva do “mundo dos brancos” ⁽¹¹⁾, fica à mercê da instabilidade das relações sociais e das contradições internas da sociedade maior. Daí serem limitadas as suas possibilidades de uma integração ⁽¹²⁾ satisfatória nesse sistema econômico e sócio-cultural.

É nestas circunstâncias, para ser breve, que se desenrola o processo de interação das duas sociedades tribais ⁽¹³⁾ e o segmento da sociedade brasileira, regional.

⁽¹⁰⁾ Trata-se de “...contato entre grupos tribais e segmentos da sociedade brasileira, caracterizado por seus aspectos competitivos e, no mais das vezes conflituais, assumindo muitas vezes proporções “total”, i.e., envolvendo toda a conduta tribal que passa a ser modelada pela situação de fricção interétnica... de conformidade com a natureza sócio-econômica das frentes de expansão da sociedade brasileira, as situações de fricção apresentarão aspectos específicos” (OLIVEIRA, 1962: 86).

⁽¹¹⁾ Cf. OLIVEIRA, 1964.

⁽¹²⁾ Tomando o termo *integração* como participação no todo, pode-se dizer que há uma integração relativa, desde que participam como mão-de-obra secundária no mercado (pequeno e descontínuo) de trabalho regional, e como produtores de alguns bens (Vide nota 8).

⁽¹³⁾ A interação entre os Wapitxâna e os Makuxí, embora seja acentuada, não são aqui referidas, pois fogem ao objetivo da presente comunicação.

FATÔRES E MANIFESTAÇÕES DA ALIENAÇÃO

Os dois grupos tribais referidos imergindo em uma nova situação, alheia aos seus padrões tradicionais, na qual ainda não se adaptaram e nem a compreendem, seus membros tendem para a alienação. Esta é condicionada pelos fatores abaixo enumerados ⁽¹⁴⁾ e manifesta-se como um reflexo deles.

1. Fatores de Alienação

- a. perda de autonomia política ⁽¹⁵⁾;
- b. dependência econômica;
- c. cidadania indefinida ⁽¹⁶⁾;
- d. descaracterização dos costumes tribais ⁽¹⁷⁾;
- e. polarização de interesses;

⁽¹⁴⁾ Os dados se referem apenas a oito grupos locais makuxí (910 pessoas) e dois grupos locais wapitxâna (270 indivíduos).

⁽¹⁵⁾ O poder tribal passou a ser subordinado a ordem nacional, especificamente aos interesses da camada dominante da sociedade brasileira regional, a qual adultera os mecanismos tradicionais de ascensão à chefia dos grupos-locais. A coincidência ou não com os padrões de ascensão à chefia dos grupos-locais, está condicionada a maior ou menor confiança inspirada aos “interessados” (cf. DINIZ, 1966: 12).

⁽¹⁶⁾ Continuam sob a tutela do Serviço de Proteção aos Índios.

⁽¹⁷⁾ Essa descaracterização dos costumes tribais é, obviamente, uma decorrência do contato com uma sociedade mais poderosa, nela tendo influência, entre outros, o proselitismo religioso, feito nos moldes da sociedade envolvente.

f. não alcance dos padrões da sociedade envolvente e não desligamento dos padrões societários tribais.

2. Manifestações da Alienação

- a. reconhecimento e submissão à ordem nacional;
- b. reconhecimento da superioridade econômica do *branco*;
- c. escamoteamento da etnia, através da aceitação do termo *caboco*;
- d. embriaguês, furtos, fugas, etc.;
- e. sentimento de inferioridade;
- f. ambivalência de atitudes.

Dado o caráter exploratório desta comunicação, os dados são fragmentários, obtidos que foram em um primeiro estágio de *campo*.

RESUMO

Esta comunicação trata de alguns aspectos do processo de interação de um dos segmentos da sociedade brasileira e dois grupos tribais da zona campestre do Território Federal de Roraima. Tratam-se dos Makuxi (Karib) e dos Wapitxâna (Aruak), habitantes desse extremo norte do Brasil e, também, da Guiana.

O início da conjunção interétnica remonta, direta ou indiretamente, aos fins do século XVII, com a

efetivação das primeiras penetrações na área, tornando-se mais concreta a partir da segunda metade do século seguinte. Os Wapitxâna foram sempre mais acessíveis ao contato com os brancos, enquanto os Makuxi ofereceram maior resistência.

De tôdas as esferas dessas duas sociedades indígenas, a política e a econômica foram as mais afetadas no embate intersocietário. Nos dias de hoje, ambas as tribos, encontram-se em estado de ambivalência que mais se aproxima da alienação do que da integração.

SUMMARY

This paper deals with some aspects of the interaction process between a segment of Brazilian society and two tribal groups of the savanna area of the Federal Territory of Roraima. These two groups are the Makuxi or Macusi (Carib) and the Wapitxâna or Wapisiana (Arawak), inhabitants of this northern region of Brazil and of Guyana as well.

The beginning of this interethnic juxtaposition dates, directly or indirectly, from the end of XVII century, with the first penetration of the area, becoming more intense during and after the second half of the following century. The Wa-

pitxâna were always more accessible to contact with whites, whereas the Makuxi offered more resistance.

Of all the facets of life in these two Indian societies, those most affected by the encounter with local Brazilians were politics and economics. At present, both tribes are in an ambivalent state which approximates more closely that of alienation than of integration.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COUDREAU, H., 1887, *La France Équinoxiale: Études sur les Guyanees et l'Amazonie*, t. II. Paris.
- DINIZ, E. S., 1964, Os Makuxi e sua instalação na Economia Nacional. *Rev. Educação e Letras*, Univ. Pará, Belém, 1-2: 11-16.
- DINIZ, E. S., 1965, Breves Notas sobre o Sistema de Parentesco Makuxi. *Bol. Mus. Paraense Emílio Goeldi*, n.s., Antropologia, 28:
- DINIZ, E. S., 1966, O Perfil de uma situação interétnica: os Makuxi e os Regionais de Roraima. *Bol. Mus. Paraense Emílio Goeldi*, Antropologia, 31:
- IANNI, O., 1962, Raça e Classe. *Rev. Educação e Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, 10 (19): 88-111.
- OLIVEIRA, R. C., 1962, Estudos de áreas de fricção interétnica no Brasil. *América Latina*, Rio de Janeiro, 5 (3): 85-90.
- OLIVEIRA, R. C., 1964, *O Índio e o Mundo dos Brancos*. Difusão Européia do Livro. São Paulo.
- STAVENHAGEN, R., 1963, Clases, Colonialismo y Aculturación: Ensayo sobre un sistema de relaciones interétnicas en Mesoamérica. *América Latina*, Rio de Janeiro, 6 (4): 63-104.